

## OS DIALOGOS DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS \*

Elizabeth Lowe \*\*

De modo geral, pouca atenção tem sido dada pelos críticos à natureza e à função do diálogo em **Grande Sertão: Veredas**. Não se pode negar entretanto que o diálogo é um dos elementos mais expressivos desta novela. Em "A Busca da Poesia", Pedro Xisto mostra-se um dos poucos críticos a reconhecer a importância do diálogo no trabalho:

Não é sem maior razão ou precedente que o Autor de **Grande Sertão: Veredas** apela para o diálogo. Um diálogo essencial e profundo, e por isto mesmo, menos acessível a algum leitor, despercebido e desaperecebido...<sup>1</sup>

De passagem Xisto associa o diálogo em **Grande Sertão: Veredas** ao esforço consciente do escritor para reviver a tradição oral na literatura, à sua procura da poesia (o poder expressivo da palavra), e à redescoberta das relações vitais entre o homem e o poder da fala.<sup>2</sup> Mas Xisto pára aí.

Outros críticos se limitam apenas a determinar se a narrativa de Riobaldo é monólogo, diálogo ou ambos. Franklin de Oliveira afirma: "Esta história é contada, sob a aparência de diálogo mas na verdade é um colossal monólogo".<sup>3</sup> Luiz Harss, em **Los Nuestrós**, vê como insignificante a presença de um ouvinte: "La convención retardatoria del oyente, por ejemplo, algo inverosímil al comienzo y prácticamente prescindible después. Riobaldo es un gran cuentista. No necesita un auditorio corporeo".<sup>4</sup> Roberto Schwarz, em **A Serela** e o **Desconfiado** observa que: "Poderíamos falar então em diálogo pela metade, ou diálogo visto por uma face. De qualquer modo, trata-se de

\* O original em inglês deste trabalho será publicado em fins de 1976 pela revista **Luso-Brazilian review**.

\*\* Elizabeth Anne Schloman Lowe é Mestre (New York, 1975. Além de sua tese — *The quest for language in brazilian modernist poetry* — e das traduções de contos de Rubem Fonseca e de Clarice Lispector também o seu trabalho de crítica trata da Literatura Brasileira. Atualmente leciona Português no Queens College de New York.

1 XISTO, Pedro. A Busca da poesia. In: ———; CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **Guimarães Rosa em três dimensões**. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1970. p. 24.

2 *Ibid.*

3 OLIVEIRA, Franklin de. **Guimarães Rosa**. In: COUTINHO, Afrânio, ed. **A literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro, Sul Americana, 1970. v. 5, p. 433.

4 HARSS, Luis. **Los nuestros**. 3. ed. Buenos Aires, Sudamericana, 1969. p. 209.

um monólogo incerto em situação dialógica".<sup>5</sup> Wilson Martins, em seu prefácio do livro **João Guimarães Rosa: Travessia Literária** da autoria de Mary L. Daniel sugere pela primeira vez a possibilidade de uma discussão sobre a função do diálogo:

Além do leitor, que é o interlocutor atual, Riobaldo refere mais dois ou três, que em épocas anteriores, lhe ouviram a história e as dúvidas. O livro não é, assim, um longo monólogo interior (embora a tese se possa defender com alguma verossimilhança), nem mesmo um monólogo solitário; é um diálogo solipsístico ou monologante, em que as intervenções e opiniões do "outro" são sugeridos pelas próprias respostas e comentários do narrador. Mas Riobaldo tem necessidade do interlocutor, só encontraria paz de espírito ouvindo a confirmação apaziguadora de um estranho.<sup>6</sup>

Na melhor das hipóteses, esta controversia apenas questiona o mecanismo da técnica narrativa na novela; não chega a analisar o importante papel estrutural e temático do diálogo em **Grande Sertão: Veredas**. A polêmica é supérflua pois o autor explicitamente define a narrativa de Riobaldo como diálogo. Riobaldo nos diz: "Nem é por me gabar de retentiva cabedora, nome por nome, mas para alimpar o seguimento de tudo o mais que vou narrar ao senhor, **nesta minha conversa nossa de relato**".<sup>7</sup> (itálicos meus).

O diálogo maior que constitui a narrativa de Riobaldo contém vários sub-diálogos importantes. Assim temos: Riobaldo/Diadorim, Riobaldo/Zé Bebelo, Sertão/Civilização, Riobaldo/Natureza, Riobaldo/Juventude e Velhice, Riobaldo/Compadre Quelemém, Riobaldo/Jaguços. Esses diálogos reforçam os diversos temas e complementam a poética da novela. Mary L. Daniel mostra como o diálogo é firmemente tecido dentro da estrutura narrativa.

É em geral quase imperceptível a integração de trechos dialogados, narrativos e descritivos dentro da corrente total da prosa de Guimarães Rosa... aparecem diálogos quase sem ponte introdutória além do travessão convencional. O diálogo às vezes fica como um parágrafo independente e outras vezes se interpola dentro de uma secção narrativa de maior extensão.<sup>8</sup>

O diálogo-narrativa é o veículo ideal para as reminiscências de um jagunço. A técnica é uma versão em larga escala da conversa em volta da fogueira descrita por Riobaldo.

Entramos no meio deles, misturados, para acorar e prosear caçamos um pé de fogo. Novidade nenhuma, o senhor sabe — em roda de fogueira toda conversa é miudinhos tempos. (123)

<sup>5</sup> SCHWARZ, Roberto. Grande Sertão, a fala. In:———. *A sereia e o desconfiado*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965. p. 24.

<sup>6</sup> MARTINS, Wilson. Guimarães Rosa na sala de aula. In: DANIEL, Mary L. *João Guimarães Rosa, travessia literária*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1968. p. xxiii.

<sup>7</sup> GUIMARÃES ROSA, João. *Grande sertão, veredas*. 8. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972. p. 340. Citações do texto serão feitas desta edição e se indicarão os números das páginas entre parênteses.

<sup>8</sup> DANIEL, p. 164-5.

Depois do por do sol um dos jagunços é intimado a contar uma história. A audiência o interrompe constantemente, bombardeando-o com questões, o que transforma o monólogo em um diálogo. Desta maneira, o narrador recebe o incentivo dos ouvintes e a sua história assume dimensões maiores do que se a sua audiência tivesse permanecido em silêncio. Esta é exatamente a relação entre o Riobaldo e o visitante da cidade. “— o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!” (15)

O diálogo retórico, ou seja, afirmações e perguntas dirigidas a um interlocutor sem a exigência de uma resposta, pode ser visto como um reflexo da natureza cerimonial das relações pessoais no mundo dos jagunços. O chefe emite ordens sucintas que não são questionadas mas executadas imediatamente. Há um rito específico para transferência de liderança no qual o noviço se declara chefe, sendo as discussões limitadas a uma breve aprovação ou tiros de revólver. Quando Riobaldo cumprimenta Seo Ornelas ele reflete: “solci um vexame por não saber a resposta concernente, nos casos como esse — resposta que eu achava que devia ser de uma só, e a justa, como em teatral em circo em pantomima bem levada. O que é igual quase um calar”. (344)

Guimarães Rosa considera o discurso como parte integral da personalidade. Riobaldo se aflige quando a escuridão bloqueia comunicação: “... as palavras que eu falei ficaram sendo sem dono... A que a qual a escuridão tapava toda boca”. (429) O diálogo funciona para dar veracidade às personagens mercuriais de Guimarães Rosa. Se não pudessemos ouvir Diadorim nós provavelmente duvidaríamos que ele fosse algo mais do que uma criação da imaginação de Riobaldo. O narrador se preocupa com a credibilidade da sua história. “O senhor crê minha narração?” (443) Na passagem que se segue, Riobaldo comprova a afirmação com um diálogo:

Era um recurso para aliviar meu achaque e era dado com bondade. Isso mesmo foi o que eu disse a Raymundo Lé, agradecido: — É um recurso para aliviar meu achaque, e estou vendo que é dado com bondade...” (307)

O diálogo dá ao autor liberdade de provar a eficiência da palavra. Guimarães Rosa joga com as modificações dos padrões da fala do indivíduo, mostrando como as percepções auditivas variam de pessoa para pessoa recebendo conseqüentemente tratamento diferente na fala. Isso serve para enfatizar a expressividade de cada palavra, contribuindo para a sua ressonância poética. Todas as personagens de Guimarães Rosa são poetas em potencial.

— Diadorim e o Reinaldo... Alaripe ficou em silêncio para melhor me entender. Mas o Quipes se riu: “Dindurinh”... Boa apelidação... Falava feito fosse o nome de um pássaro. (429)

— Ah! O senhor conheceu ele? O titiquinha de mundo! E como é mesmo que o senhor fraseia? Wusp? E Seu Emílio Wuspes... Wúpsis... Vupses. Pois e-se Vupes apareceu lá... (57)

Os principais diálogos de **Grande Sertão: Veredas** são transcendentais e como tais destoam dos personagens que pronunciam as palavras. Mary L. Daniel observa:

Enquanto quase todos os personagens da sua prosa têm a sua origem nas camadas mais baixas da sociedade rural e aparecem no seu habitat normal, os seus diálogos são raras vezes autenticamente vernaculares quanto ao seu nível expressivo, e as narrativas e descrições que os apresentam vêm geralmente no estilo elegantemente bárbaro do autor, o qual nunca desce inteiramente à área dos padrões correntes de comunicação. 9

Um exemplo desse tipo de diálogo inconsistente pode ser observado entre Riobaldo e o vidente cego, o velho Borromeu.

(R) — Mano velho, tu é nado aqui, ou de donde? Acha mesmo assim que o sertão é bom?...

(...)

(B) — Sertão não é malino nem caridoso, mano oh mano! — ... ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo". (394)

Riobaldo admite: "Sou só um sertanejo e nessas altas idéias navego mal". (14) Nós precisamos ser constantemente lembrados de que a maioria das personagens no romance são analfabetos com exceção de Zé Bebelo e Riobaldo, que talvez tenham no máximo educação primária. Algumas personagens somente funcionam em nível de enredo enquanto outras têm papel simbólico. Estas são identificadas através do diálogo. Dentro daquelas com papel simbólico encontramos Riobaldo, Diadorim, Quelemém, Zé Rebelo, Borromeu, e Joca Ramiro. No início da narrativa Riobaldo fala da sua relação com Diadorim:

Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente se diferenciava dos outros porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. (25)

No julgamento de Zé Bebelo, Joca Ramiro, Zé Bebelo e Riobaldo destacam-se dos outros jagunços através dos seus diálogos. A conversa entre Joca Ramiro e Zé Bebelo é uma dialética de sentido duplo. Os outros se esforçam para formular mesmo o pensamento mais simples.

JR — O senhor pediu julgamento...

ZB — Toda hora eu estou em julgamento.

- JR — Adianta saber muita coisa? O senhor sabia, lá para cima — me disseram. Mas, de repente, chegou neste sertão, viu tudo diverso diferente, o que nunca tinha visto. Sabença aprendida não adiantou para nada... Serviu algum?

9 DANIEL, p. 155.

ZB — Sempre serve, chefe: perdi — conheço que perdi. Vocês ganharam. Sabem lá? Que foi que tiveram de ganho?

JR — O senhor não é do sertão. Não é da terra..

ZB — Sou do fogo? Sou do ar? Da terra é a minhoca — que galinha come e cata: esgaravata! (198-199)

Quando Joca Ramiro pede a opinião de Seo Candelário, o jagunço “não achou as palavras para dizer, disse: — Ao que ver! Ao que estou, compadre chefe meu... A lesto que Moca Ramiro assentiu, com cabeça, conforme se Sô Candelário tivesse afirmado coisas de sincera importância”. (200)

Quase todos os diálogos de Riobaldo refletem uma investigação constante da posição dialética do homem frente às forças do bem e do mal. Naturalmente este é o grande tema da novela. Assis Brasil resume este tema dizendo: João Guimarães Rosa situa dialeticamente o homem em meio ao mistério”.<sup>10</sup> A obsessão constante de Riobaldo é decifrar este mistério, purgar-se deste tremendo sentimento de culpa que o não conhecimento de Deus e do Diabo deixou marcado na sua alma. Repetidamente ele se pergunta: “Deus existe? O Diabo existe?” Estas indagações formam os polos do eixo em torno do qual a novela se desdobra.

Os diálogos metafísicos de Riobaldo de um modo geral refletem um relacionamento aluno-professor. Riobaldo, o aluno, tenta absorver pontos de vista diferentes dos seus, sem distinção de idade, educação ou posição social. Esta relação professor-aluno está implícita no diálogo entre Riobaldo e o seu interlocutor, o “doutor” da cidade. Riobaldo quer testar sua concepção de vida em face à erudição do seu visitante. Constantemente ele diz a seu hóspede: O que invejo é a sua instrução do senhor”. (49) Riobaldo é, ao mesmo tempo, aluno e professor de Zé Bebelo, que na verdade lhe ensinou através de exemplos a adotar esta atitude inquisitiva diante da vida. Riobaldo conta a seu interlocutor como Zé Bebelo “fazia lição”. Da mesma maneira, o companheiro de velhice do Riobaldo é seu professor em filosofia caseira. Ao descrever suas conversas com compadre Quelémém, Riobaldo constantemente usa o verbo “ensinar”.

Os companheiros jagunços de Riobaldo estão sempre sujeitos às suas persistentes indagações. Ele admira o bom senso deles. Encontramos diversos diálogos com Jõe Bexiguento: “Mas eu não quis aquilo. Não aceitei. Questionei com ele, duvidando, rejeitando... Discuti alto... fui pontecendo opostos... Quero os postos demarcados. Mas Jõe Bexiguento não se importava. Duro homem jagunço, como ele no cerne era, a idéia dele era curta, não variava... Então — eu pensei — porque era que eu também não podia ser assim, como o Jõe?” (169) Riobaldo aspira a uma resposta simples e passa toda a sua vida em procura desta resposta. Talvez outros possam ajudá-lo: “Daí eu caçava o jeito de me espairecer, junto com todos. Conversas com o Catocho, com Jõe Bexiguento, com o Vove, com o Feijó — de mais sisudez — ou com Umbelino — o de cara de gato”. (178)

10 ASSIS BRASIL. Guimarães Rosa. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1969. p. 95.

Riobaldo insiste com o doutor que a conversa deles é metafísica. Ele pede ao ouvinte que "escute mais do que estou dizendo". (86) Ele reflete "Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente". (79) Riobaldo pede ao seu hóspede para procurar a "sobrecoisa, a outra coisa", (52) rogando-lhe que compartilhe com ele de quaisquer pensamentos esclarecedores. "Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba". (89).

Franklin de Oliveira confirma que "João Guimarães Rosa pensou e escreveu a sua obra *sub specie perfectionis*... Toda a obra rosiana enquadra-se numa categoria goethiana do *Erziehungsroman*: o romance de educação espiritual".<sup>11</sup> Continuando o pensamento, pode-se verificar uma semelhança com Zen nos diálogos de *Grande Sertão: Veredas*. Zen Budismo aspira à iluminação espiritual através da meditação, e da aproximação com um professor e com a natureza. Como assunto de meditação, Zen se baseia mais na experiência de vida do que em textos literários. O enigma de Zen, por exemplo, ou *koan* (normalmente em forma de pergunta) é "designed to break down conceptualization superimposed on the flow of experience and to bring about intuitive insight".<sup>12</sup>

O grande diálogo de *Grande Sertão: Veredas* é entrecortado pelas indagações ansiosas do Riobaldo sobre vida e morte, bem e mal. Riobaldo assim se justifica: "Só que uma pergunta em hora às vezes clareia razão de paz".

(10) Frequentemente as respostas vêm numa forma tipicamente Zen, uma afirmação enigmática retirada de um exemplo da natureza. Riobaldo afirma: "Assim como o senhor, que quer tirar o instantâneo das coisas, aproximar a natureza". O rio é uma fonte fértil de símiles no romance e Luis Harss nos diz que Buddah instruiu seus seguidores para "Learn from the flow of the rivers".<sup>13</sup> Podemos destacar outros exemplos:

O que é que buriti diz? É — Eu sei e não sei...

O que é que o boi diz? — Me ensina o que eu sabia. (303)

O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma? Viver é muito perigosa. (11)

Qual é o caminho certo da gente? Nem para frente, nem para trás: só para cima. Ou parar curto quieto, feito os bichos fazem. Os bichos estão só e muito esperando? (74)

Passarinho cai de voar, mas bate suas asinhas no chão. (121)

<sup>11</sup> OLIVEIRA, p. 406.

<sup>12</sup> THE ENCYCLOPEDIA of philosophy. New York, Macmillan, 1967. v. 8, p. 413.

<sup>13</sup> HARSS, p. 83.

Também há várias semelhanças entre o diálogo de **Grande Sertão: Veredas** e o diálogo platônico. Guimarães Rosa, como Platão, usa o diálogo como uma técnica dramática para manter a atenção de uma audiência que aparentemente escuta ou vê a encenação do trabalho. Na verdade Platão lia os seus diálogos. Guimarães Rosa, homenageando a literatura oral, simula esta leitura. Os diálogos de **Grande Sertão: Veredas**, assim como o diálogo platônico da tradição socrática, são dirigidos a uma descoberta de verdades transcendentais, a conceitos apreendidos mais intelectualmente do que materialmente. Riobaldo nos faz lembrar a aspiração platônica ao ideal quando ele confirma: "Diz-se que tem saudade de idéia e saudade de coração". (24)

O objetivo do diálogo platônico é explicado na *Encyclopedia of Philosophy*:

Plato's dialectical debates are concerned only with general ideas, like those of fearlessness, goodness, danger and awareness. The answerer's thesis is a general proposition such as 'Virtue is (or is not) teachable' or 'Justice is (or is not) what is to the advantage of the powerful'. When such a thesis has been conclusively demolished, something, if only something negative, has been conclusively established about virtue or justice. 14

**Grande Sertão: Veredas** coloca muitas dessas proposições gerais. O "leit-motif" do romance é "A vida é muito perigosa". Riobaldo tira várias conclusões sobre a natureza do Sertão, tais como: "O Sertão é o sozinho", ou "O Sertão é confusão em grande demorado sossego". (343) Na revista *Diálogo* (1957), há uma lista completa das 172 ocasiões nas quais Guimarães Rosa se refere ao Sertão e palavras correlatas em trabalhos publicados desde 1957.<sup>15</sup> Como outros exemplos de proposições platônicas em **Grande Sertão: Veredas** temos: "Homem é coisa que treme". (118) e "Mestre não é quem sempre ensina mas quem de repente aprende". (235) A última afirmação da novela pode ser englobada na categoria platônica: "O diabo não há! É o que eu digo, se fôr... Existe é homem humano..." (460)

Guimarães Rosa, através de Riobaldo, é ao mesmo tempo moralista e pedagogo. Riobaldo é o narrador épico típico, o sábio velho que, com a perspectiva da sua idade, volta-se para o seu passado e revela o turbilhão da sua juventude tanto para o benefício do seu ouvinte como para o seu próprio benefício. Roberto Schwarz comenta: "Não estivesse indicado o diálogo, o passado de Riobaldo seria uma aventura: existindo o interlocutor, passa a servir de exemplo".<sup>16</sup> Riobaldo confirma: "Gosto muito de moral. Raciocinar, exortar os outros para o bom caminho, aconselhar a justo..." (14) "Conto para mim, conto para o senhor". (112) (Eu quero que o senhor repense as minhas tolas palavras. E olhe: tudo quanto há, é aviso..." (123)

14 THE ENCYCLOPEDIA of philosophy, v. 6, p. 319.

15 MARTINS RAMOS, J. B. *Diálogo no sertão das letras*. Diálogo, São Paulo, 8:109, 1957.

16 SCHWARZ, p. 24.

Franklin de Oliveira enfatiza a relação entre diálogo e o tema de julgamento no romance.<sup>17</sup> A palavra falada é o agente do destino: "O que vi sempre, é que toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pejante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo". (137) Os diálogos de Riobaldo levam todos ao julgamento pelos companheiros ou por Deus. Ele pede para ser julgado, seu dilúvio de orações é sua auto-defesa diante de Deus. O julgamento de Zé Bebelo é uma poderosa combinação de diálogo e dialética onde pela primeira vez o Sertão julga um homem com palavras e não balas.

Riobaldo faz uma comparação Shakespeariana entre a vida e o teatro. Segue-se que o diálogo é o meio através do qual cada personagem desempenha o seu papel. O campo de Zé Bebelo "semelhava um circo, bom teatro". (100) Riobaldo pensa que "Vida devia de ser como na sala do teatro, cada um inteiro fazendo com forte gosto o seu papel". (187)

Guimarães Rosa se deleita tanto com o diálogo quanto com a palavra. Em **Grande Sertão: Veredas** o autor expressa esta alegria em simples discurso humano. Riobaldo se lembra: "Dr. Hilário... capaz duma conversação tão singela, que era uma simpatia com ele se tratar... me ensinou meio-mil de coisas". (347) Sem o calor da conversação humana, o Sertão seria insuportável. No imponente Liso "Faltava era o sossego em todo silêncio, faltava rastro de fala humana. Aquilo me perturbava, me sombreava". (289) As ordens rápidas de Zé Bebelo dão coragem e esperança a seus homens: "Assuntos principais. Zé Bebelo fazia lição, deduzia ordens... E engraçado dizer, a gente apreciava aquilo. Dava uma esperança forte". (73)

Mary Daniel observa que "se preocupa Guimarães Rosa sobretudo com a comunicação interpessoal".<sup>18</sup> O autor se preocupa principalmente com a sua relação com o leitor. As lições morais e filosóficas do romance precisam ser absorvidas. A questão que Riobaldo constantemente propõe a seu interlocutor é "O senhor me entende?" Guimarães Rosa muitas vezes dirige a cena para ajudar o interlocutor/leitor a decifrar a narrativa sinuosa.

Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. (79)

Sei que estou contando errado... mas o senhor vai avante. (77)

Ao quanto bem não me entender, me espere. (111)

Aqui eu podia pôr ponto. Para tirar o final, para conhecer o resto que falta... é pôr atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo. Porque não narrei nada à-tôa. (234)

Enfim, o autor é um professor por excelência em relação ao seu leitor.

Depois dessas observações gerais sobre a relevância do diálogo com relação ao estilo e tema de **Grande Sertão: Veredas**, passarei agora a examinar

17 OLIVEIRA, p. 407.

18 DANIEL, p. 168.



a contribuição dos diálogos individuais ao esquema maior. Já identificamos o diálogo entre Riobaldo e o seu interlocutor como o diálogo maior do romance. A função estilística ou técnica do interlocutor foi justificada anteriormente. A interação Riobaldo-ouvinte dá o impulso à narrativa. Já mencionei também a maneira como no nível do enredo o interlocutor fornece a oportunidade a Riobaldo para expor a sua filosofia de vida. O visitante é um modelo com qual Riobaldo se compara. Riobaldo frequentemente menciona ao doutor a importância de sua contribuição. "O senhor me ouviu, pensa e repensa e rediz, então me ajuda". (79)

Agora nós podemos avançar um pouco mais e dizer que tanto o Riobaldo como o seu ouvinte são imagens do próprio autor o que reforça o tema de dialética no romance. Wayne C. Booth, em *The Rhetoric of Fiction*, afirma:

In any reading experience there is an implied dialogue among author, narrator, the other characters and the reader. Each of these four can range, in relation to each of the others, from identification to complete opposition on any axis of value, moral, intellectual, aesthetic and even physical. <sup>19</sup>

Guimarães Rosa de uma maneira explícita sugere que o interlocutor é um autor, o qual tomamos pelo próprio Rosa. O visitante do Riobaldo vem para o Sertão para obter informação para um livro e toma notas enquanto o Riobaldo fala. Luis Harss escreve, baseando-se em uma entrevista com Guimarães Rosa, que esta era a maneira como Rosa colecionava informações para os seus livros. Ele entrevistava todos que lhe chamavam a atenção.<sup>20</sup>

O senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enredo. (234)

O senhor me organiza? (277)

Eu conto: o senhor me ponha ponto. (401)

No nível temático, Riobaldo e seu ouvinte são polos opostos da mesma consciência que está constantemente em fluxo. Esta situação pode ser comparada a uma balança que nunca alcança um estado de equilíbrio. As dúvidas sempre pesam mais em um prato da balança. Continuando um pouco mais com a teoria de Booth:

As he (the author) writes, he creates not simply an ideal, impersonal man in general, but an implied version of himself that is different from the implied author we meet in other men's works. To some novelists it has seemed, indeed, that they were discovering themselves as they wrote.<sup>21</sup>

Riobaldo diz a mesma coisa em outras palavras:

O senhor é talvez de fora, meu amigo mas meu estranho.

19 BOOTH, Wayne C. *The rhetoric of fiction*. Chicago, The University Press, 1973. p. 70.

20 HARSS, p. 205.

21 BOOTH, p. 70.

Mas talvez por isso mesmo falar com um estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo. Mire veja: o que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. Para isso é que muito se fala? (33)

O diálogo do narrador (o diálogo de Riobaldo) com um outro "eu" objetivo leva-o a uma exploração de sua alma. O leitor é também implicado nesta dialética, pois há uma identificação entre autor (interlocutor) e leitor. Guimarães Rosa alcança o leitor através das questões urgentes de Riobaldo e também de suas direções de cena, contribuindo para a interpretação da narrativa. Um leitor mais sensível começará a se identificar com a dialética pessoal do romance.

Cavalcanti Proença, em "Trilhas no Grande Sertão" analisa o papel simbólico de Diadorim como o anjo da guarda de Riobaldo.<sup>22</sup> É possível explorar este relacionamento um pouco mais e dizer que Diadorim é o lado positivo ou ideal do espírito de Riobaldo. Mencionando novamente o modelo de Booth, temos aqui uma identificação de autor, narrador, personagem e leitor. Milton Vargas, em seu artigo "Visão e Descrição" vê Diadorim e Riobaldo como "a perfeição do encontro dos polos de uma polaridade". Nas palavras de Vargas, eles são fogo e água, corpo e espírito, montanha e nuvem, terra e vento.<sup>23</sup> Novamente retornamos ao tema da dialética.

O conteúdo dos diálogos de Diadorim e Riobaldo é geralmente moral e espiritual. Diadorim repetidamente encoraja Riobaldo a ser bravo. "Carece de ter coragem. Carece de ter muita coragem, ele me moderou tão gentil". (85) Diadorim força Riobaldo a cumprir o seu dever moral com relação a Joca Ramiro e os jagunços. Diadorim nega sensualidade e crueldade. Antes de batalha, ele faz Riobaldo pensar em glória e nas imagens ideais de Joca Ramiro e da mãe. "Olha, Riobaldo — me disse — nossa destinação é de glória. Em hora de desanimo, você lembra de sua mãe; eu lembro de meu pai..." (38) Diadorim dá conforto a Riobaldo quando ele está triste, cuida dele quando está doente.

Diadorim tem o poder de adivinhar os pensamentos de Riobaldo; literalmente pensam da mesma maneira. "Diadorim me adivinhava". (234) "Os nossos dois pensamentos se encontraram". (435) Quando Riobaldo é possuído pelo demônio, Diadorim imediatamente toma consciência do fato e reza por ele. Frequentemente uma carícia ou um olhar tem a mesma força das palavras. "Minha mão pegou a mão de Diadorim... são as palavras?" (283)

22 PRÓENÇA, Manuel Cavalcanti. *Trilhas no grande sertão*. In: ———. *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1959. p. 159.

23 VARGAS, Milton. *Visão e descrição; uma interpretação de Grande Sertão, veredas*. *Diálogo*, São Paulo. 8:24-5, 1957.

No nível do enredo a impossibilidade de comunicação na hora da luta causa a grande tragédia da novela. Diadorim nunca conta a Riobaldo o segredo que teria mudado o relacionamento dois dois e que também teria dissolvido as dúvidas do Riobaldo, que considerava seu amor por Diadorim como trabalho do demônio. Quando Diadorim se comove e tenta avisar Riobaldo, este não é receptivo. Na noite anterior à morte de Diadorim no campo de luta, Riobaldo se controla, embora com dificuldade, e não lhe confessa o seu amor. As palavras não ditas perseguem Riobaldo até a morte.

O terceiro diálogo em importância é aquele entre Riobaldo e Zé Bebelo também mantido no decorrer da novela. Enquanto o interlocutor-autor-leitor e Diadorim são polos da mesma consciência, Zé Bebelo se destaca totalmente da personalidade de Riobaldo: ele é o herói e tutor de Riobaldo até a velhice, quando então, é suplantado pelo Compadre Quelemém. Zé Bebelo ensina Riobaldo a enfrentar a vida. Riobaldo admira a sua sagacidade, sua habilidade de pensar rapidamente e de manejar as pessoas. "Para mim, ele estava sendo feito o canoeiro mestre, com o remo na mão, no atravessar o rebelo no rio cheio". (289) Riobaldo tem confiança em Zé Bebelo porque é a única personagem do romance que não é uma sombra sua: "Com o Zé Bebelo na minha mão direita e Diadorim na banda esquerda; mas eu, o que é que era eu? Eu ainda não era nada".

Na relação recíproca aluno-professor entre Riobaldo e Zé Bebelo, o aluno continuamente ultrapassa o mestre. Primeiramente Zé Bebelo vence Riobaldo no conhecimento livresco. Depois Riobaldo excede Zé Bebelo como chefe. Este progresso complementar de aluno e professor é um reflexo tanto no diálogo de Zen como o diálogo platônico. Em ambos os sistemas, conhecimento (ou iluminação) é alcançado através do discurso entre aluno e professor. Riobaldo admite: "Zé Bebelo me alumiou. Zé Bebelo ia e voltava, como um vivo demais de fogo e vento, zás de raio veloz como o pensamento da idéia — mas água e o chão não queriam saber dele".

O julgamento de Zé Bebelo é importante em termos da dialética pessoal de Riobaldo. O próprio julgamento representa o confronto entre o Sertão bárbaro e o mundo lá fora; as tradições medievais do jagunço são desafiados pelos objetivos positivistas da sociedade moderna. Cavalcanti Proença o denomina "o diálogo entre o Sertão e a Cidade".<sup>24</sup> Zé Bebelo é a personificação das tentativas do homem moderno de invadir o Sertão. Ele é o verdadeiro vencedor no julgamento, pois a própria noção de julgamento é uma noção "civilizada".

Riobaldo vacila continuamente entre sua lealdade para com o Sertão e seu desejo de se libertar daquele ambiente bárbaro e viver tranquilamente na cidade. Riobaldo respeita Zé Bebelo pelas suas idéias progressivas e pela

24 PROENÇA, p. 189.

maneira como seu tutor lhe abre novos horizontes. Com Zé Bebelo "eu avisava novas estradas, diversidade de terras". (103) Por outro lado, Riobaldo é um filho do Sertão e precisa defendê-lo. Daí seu conflito entre lealdade para com Zé Bebelo e para com os jagunços. Ele precisa salvar a vida do seu tutor a qualquer preço, ao mesmo tempo, se ele suspeita de Zé Bebelo ele tem que expulsá-lo do Sertão. Riobaldo pergunta "Cidade acaba com o Sertão. Acaba?" (129)

O implícito diálogo entre homem e natureza em **Grande Sertão: Veredas** é típico da novela telúrica. A natureza oferece ao homem suas lições para contemplação, como foi demonstrado previamente. As personagens do romance são sensíveis aos avisos e reprimendas da natureza. Riobaldo é perseguido pelas vozes dos passarinhos: "era um bem-te-vi, perseguindo minha vida em vez, me acusando de más horas que eu ainda não tinha procedido". (28) Quando sua consciência dói mais forte" o que me picou foi uma cobra bibra". Durante uma noite de insônia, os latidos dos cachorros estimulam a imaginação medrosa de Riobaldo: "O que produzia era eu aguentar até passar o arrocho no coração. Deus que me punia". (424)

A ausência de sons na natureza é também agourenta como no Liso. Trovões expressam a desaprovação do homem pela natureza. "Trovejou de cala-a-boca, e Zé Bebelo tocou um gesto de costas na mão, respeitoso disse 'isto é comigo"'. Os cavalos reagem agressivamente à transformação de Riobaldo depois do seu pacto com o demônio. Cavalcanti Proença fez um estudo sobre a voz do vento na novela. É um anjo da morte e controla o movimento das nuvens e da chuva determinando o destino do homem no Sertão árido. A natureza é também benevolente e oferece muitas alegrias ao homem. O buritizal e a vereda são refúgios para o corpo e para o espírito. A vinda da primavera renova a fé do homem e alivia as amarguras da vida.

Riobaldo, sempre no centro de uma dialética, tenta tirar proveito das lições da juventude, velhice, inocência e sabedoria. O velho e cego Borromeu viaja a sua direita, e o jovem Guirigó a sua esquerda. Ele continuamente lhes dá de beber cachaça esperando que num estado de intoxicação eles possam lhe revelar algo sobre o seu destino. "Dada a mais cachaça ao menino Guirigó e ao cego Borromeu: para eles falarem coisas diferentes do que certas, porém si descontraídas, diversas de tudo. Conselhos me davam?" (353). O menino Diadorim conduz Riobaldo a seu primeiro grande teste moral e as qualidades infantis de Diadorim são sempre mencionadas no romance.

Compadre Quelemém é o conselheiro velho e sábio que conforta Riobaldo na sua velhice. Riobaldo recorre a seu compadre na esperança de aplacar os conflitos da sua alma, nutrindo ao mesmo tempo as eternas esperanças de resolver o mistério. Ironicamente é o próprio Quelemém que ensina Rio-

baldo a investigar o segredo das coisas, a se tornar consciente da "sobreciosidade", renovando continuamente os diálogos dialéticos que constituem a essência do romance.

Não é por acaso que a novela termina com o encontro entre estudante, professor e filósofo. Depois de recuperar-se da severa doença que se seguiu à morte de Diadorim, Riobaldo se lembra de procurar seu velho mestre Zé Bebelo. Zé Bebelo então o envia ao sábio Quelemém, que responde à eterna questão de Riobaldo "O senhor acha que a minha alma eu vendi?" com um críptico "Comprar ou vender às vezes são quase iguais". (460) Quelemém traz equilíbrio para a dialética, mas está claro que as questões nunca serão respondidas e que o fim é apenas o princípio.

A solução talvez possa ser encontrada numa observação que Riobaldo faz sobre os olhos verdes de Diadorim: "Aquele verde tinha muita velhice, querendo me contar coisas que a idéia da gente não dá para se entender — acho que é por isso que a gente morre". (219) Quando Riobaldo termina de contar sua história ele se encontra num impasse. O mais que pode fazer é simplesmente elaborar as mesmas questões sob formas diferentes. Agora Riobaldo pode morrer.

A ressonância da última palavra da novela, "travessia", transforma a grande dialética de Riobaldo num mito. Parafraseando as palavras de Dora Ferreira da Silva,<sup>25</sup> Riobaldo faz o percurso do bem para o mal; ele duplica o mito astral, seu sol se levanta, brilha, e se põe novamente.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS BRASIL. Guimarães Rosa. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1969. 154 p.
- BOOTH, Wayne C. *The rhetoric of fiction*. Chicago, The University Press, 1973. 455. p.
- CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese*. São Paulo, Ed. Nacional, 1964. 167 p.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro, Sul Americana, 1970, v. 5.
- DANIEL, Mary L. *João Guimarães Rosa, travessia literária*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1968. 187 p.
- EM MEMÓRIA de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1968. 255 p.
- THE ENCYCLOPEDIA of philosophy. New York, Macmillan, 1967. v. 6, 8.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão, veredas*. 8. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972. 460 p.

<sup>25</sup> SILVA, Dora Ferreira da. *O demoníaco em Grande Sertão, veredas*. *Diálogo*, São Paulo, 8:33, 1957.

LOWE, E. Os diálogos de Grande sertão: veredas

HARSS, Luis. *Los Nuestrós*. 3. ed. Buenos Aires, Sudamericana, 1969. 465 p.

LISBOA, Henriqueta et alii. *Ciclo de conferências sobre João Guimarães Rosa*. Belo Horizonte, Centro de Estudos Mineiros, 1966. 100 p.

MARTINS RAMOS, J. B. Diálogo nos sertões das letras. *Diálogo*, São Paulo, 8:105-20, 1957.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1959. 241 p.

SCHWARZ, Roberto. *A sereia e o desconfiado*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965. 183 p.

SILVA, Dora Ferreira da. O demoníaco em Grande Sertão, veredas. *Diálogo*, São Paulo, 8:29-33, 1957.

VARGAS, Milton. Visão e descrição; uma interpretação de Grande Sertão, veredas. *Diálogo*, São Paulo, 8:19-28, 1957.

XISTO, Pedro; CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. *Guimarães Rosa em três dimensões*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1970.

### Resumo

Estudos prévios de **Grande Sertão: Veredas** não demoram na investigação da natureza e função do diálogo no romance. Este trabalho explora os vários níveis de diálogo que sustentam o diálogo maior entre Riobaldo e o visitante da cidade. Outros interlocutores do personagem principal incluem Diadorim, Zé Bebelo, e Compadre Quelemém. O Riobaldo mantém relações dialéticas complementares com a Juventude, a Velhice, a Natureza, o Sertão e o Jagunço.

O diálogo em **Grande Sertão: Veredas** é um mecanismo estilístico que reforça a ressonância poética do romance. A sua importância principal reside, porém, na sua função de condutor ao auto-descobrimto metafísico. Neste sentido, os diálogos principais do romance representam um relacionamento professor-aluno, óbvio nas conversas entre Riobaldo e o visitante da cidade, Zé Bebelo e Compadre Quelemém. O questionamento dialético e metafísico completa um círculo no fim do romance quando as perguntas do Riobaldo se repetam com maior intensidade e com menos esperança de respostas que lhe darão paz de espírito. Nesta altura, o Riobaldo está livre para morrer, e a sua busca assume proporções míticas.

### Summary

Previous studies of **Grand Sertão: Veredas** leave not examined the nature and function of dialogue in the novel. This paper explores the different levels of dialogue which underlie the major interchange between Riobaldo and

his city visitor. Riobaldo's other interlocutors include Zé Bebelo, Compadre Quelemém and Diadorim. He also enters into complementary dialectical relationships with Youth, Old Age, Nature, the Sertão and the Jagunço.

While dialogue is a stylistic device reinforcing the poetic resonance of the novel, its primary importance is as avenue to metaphysical self-discovery. In this sense, the major dialogues of the novel represent a teacher-student relationship, most obvious in the conversations of Riobaldo with the city visitor, Zé Bebelo and Compadre Quelemém. Dialectic and metaphysical questioning finally reach a full circle at the end of the novel, when Riobaldo's doubts are rephrased with greater intensity and less hope in the answers which will bring him peace of mind. At this point Riobaldo is free to die, and his search assumes a mythical stature.